

Como a doutrina não tem nenhuma necessidade de procurar essa concordância, que crê estabelecida de uma vez por todas, atrai para si as necessidades de certeza, os desejos de absoluto, a procura obsessiva da palavra-chave, e alimenta-se avidamente delas. Essa regeneração externa estimula uma fonte regeneradora interna que é a palavra sacralizada dos seus fundadores; do mesmo modo que a repetição dos artigos de fé regozija os deuses e regenera a religião, as exegeses, citações, recitações ininterruptas dos textos originais dos Pais da doutrina revigoram-na e atualizam-na. Assim, as doutrinas não estão petrificadas como as coisas inanimadas; não são sepulcros alvos, mas têm uma vida mais intensa, mais ardente que a das teorias; a idéia doutrinária pode até mesmo adquirir a soberania de um deus. Seria necessário estudar a dedicação e o culto à Idéia suprema.

Deve-se salientar, desde já, que a diferença entre doutrina e teoria depende, com frequência, não das próprias idéias componentes do sistema, mas do fechamento ou da abertura da sua organização. Um mesmo sistema de idéias pode tornar-se teoria ou doutrina. A abertura depende do ecossistema psicocultural. Assim, o ecossistema científico garante, de maneira bastante eficaz, a abertura das teorias, as quais só podem, então, incompletamente converter-se em doutrinas. O ecossistema de um partido político rigidamente centralizado favorece a *doutrinização*, a qual, por seu turno, favorece a rígida centralização; assim, por exemplo, no contexto do mundo universitário, o marxismo pode tornar-se teoria aceitando ser discutido e colocar-se em competição com outras teorias, mas, na seita ou no partido que se faz proprietário e intérprete dele, o mesmo marxismo torna-se doutrina; estima a sua verdade para sempre irrefutável e então rejeita de maneira imunológica qualquer informação ou argumento capaz de contestá-lo.

#### *Idealismo e racionalização*

Dizer que a abertura teórica necessita de condições externas favoráveis significa dizer que todo sistema de idéias tende a

fechar-se por si mesmo. O dogmatismo e a ortodoxia são tendências naturais, contrabalançadas somente por condições exteriores. É o que dizia, da sua maneira, Auguste Comte: “O dogmatismo é o estado normal da inteligência humana, aquele para o qual ela tende, por natureza, continuamente e em todos os gêneros”. Para G. K. Chesterton, “o dogma significa não a ausência de pensamento, mas a finalidade do pensamento”. Essas duas fórmulas não são totalmente verdadeiras para a inteligência e o pensamento humanos, mas o são para as entidades que emergem dessa inteligência e desse pensamento: os sistemas de idéias.

Lupasco definia a ideologia como “um sistema de idéias que resiste à informação”. Isso é verdadeiro para qualquer sistema de idéias, inclusive as teorias, mas a resistência da teoria não é irredutível, enquanto que a doutrina não apenas resiste à informação, mas a destrói.

Acrescentemos duas tendências propriamente noológicas, cujas conseqüências são perversas para o conhecimento humano. A primeira, já o indicamos, vem da disposição do sistema a fechar-se em sua armadura lógica que, assim, se torna racionalizadora. Racionalidade e racionalização têm um mesmo tronco comum: a busca de coerência. Mas, enquanto a racionalidade está aberta ao que resiste à lógica e mantém o diálogo com o real, a racionalização integra à força o real na lógica do sistema e crê, então, possuí-lo. Essa tendência racionalizadora equivale aqui à profunda tendência “idealista” de todo sistema de idéias a absorver a realidade que nomeia, designa, descreve, explica. Sob o ponto de vista noológico, os sistemas de idéias não se alimentam somente das energias e paixões humanas. Sugam e esvaziam a realidade que evidenciam. Desvendando as “leis” que governam o mundo, as teorias científicas aspiram à soberania universal dessas leis. Há, como diz Manuel de Dieguez (1970), “transubstanciação mística dos fatos pela teoria”.

No momento mesmo em que as tomamos pela realidade, as idéias, de maneira quase alucinatória, tornam-se fantasmas que escapam à realidade. O mediador substitui o mediatizado (o mundo, o real). O “poder absoluto das idéias” que, segundo Mauss, caracteri-